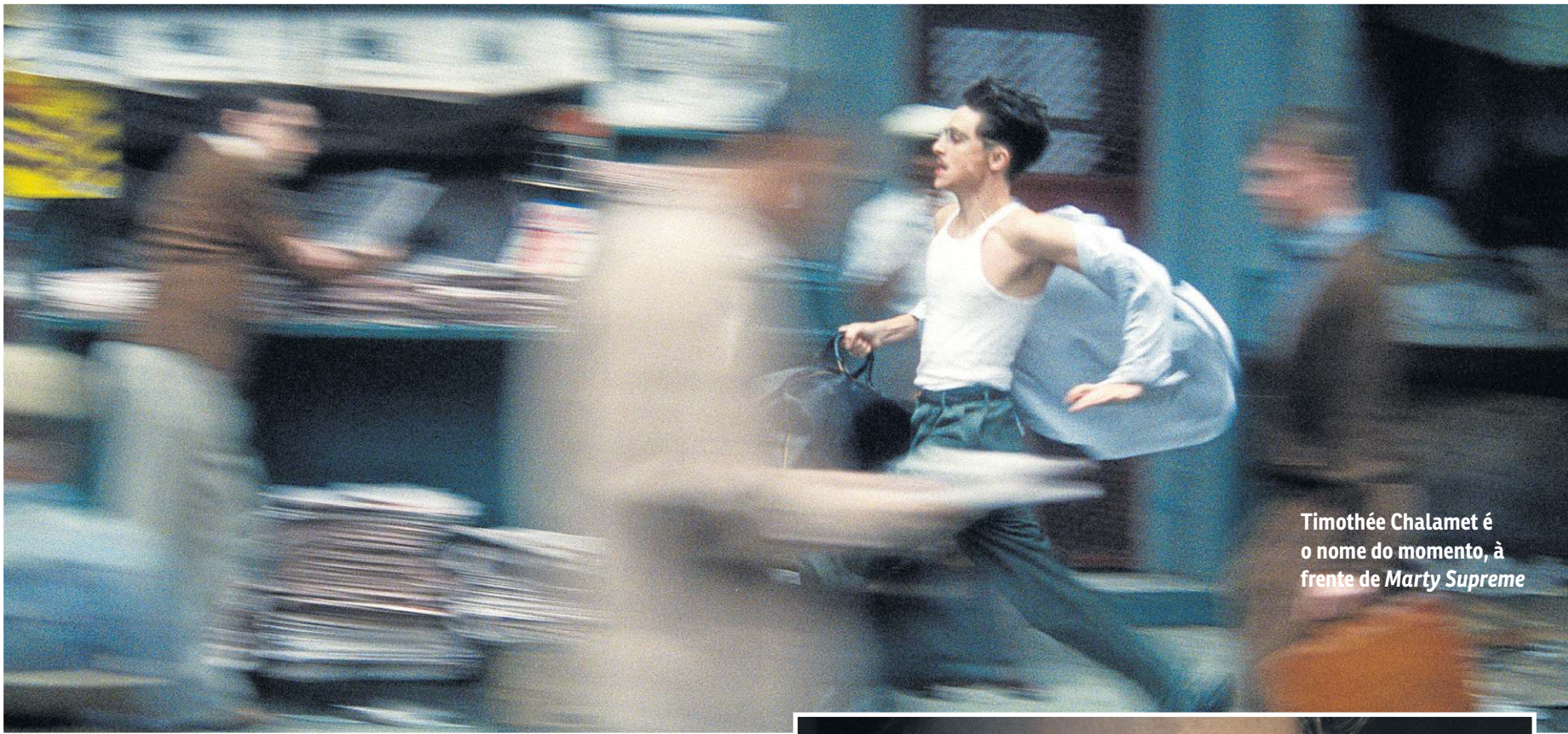


Fotos: Diamond Films/Divulgação



Timothée Chalamet é o nome do momento, à frente de *Marty Supreme*

Exuberantes, esforçados e cômicos



Atuação brilhante e perturbadora no papel de um jogador de tênis de mesa

» RICARDO DAEHN

É quase impossível que, no dia das indicações ao Oscar, hoje, o nome de Timothée Chalamet não esteja entre os finalistas ao prêmio de melhor ator, no qual tem muito para disputar com Wagner Moura e Leonardo DiCaprio. Representando, no longa *Marty Supreme*, um tipo com perturbadores arroubos de prepotência e de narcisismo, Chalamet já pontuou, na vida real, tentar encadear tudo com a medida da “leveza”. Foi assim no agradecimento ao conquistado prêmio de melhor ator de comédia, no Globo de Ouro, quando, depois de quatro vezes, se viu perdedor (em outras ocasiões). “Seguindo ensinamento de gratidão (repasado pelo meu pai), naquelas vezes, saí de mãos vazias, de cabeça erguida, grato apenas por estar ali (na competição)”, demarcou no palco do evento. Bem que George Clooney se esforçou, no papel do astro Jay Kelly, mas na temporada de prêmios foi o franzino novaiorquino de 30 anos quem ofuscou o jogo. Com o charme de um Paul Newman, a insegurança à la James Dean, a precisão cênica de Dustin Hoffman e a nuançada esperteza de um Warren Beatty ou Giancarlo Gianinni, o brilho de astro arraigado em Timothée Chalamet se acendeu. Indicado ao Oscar, anteriormente, por *Um completo desconhecido* (2024) e *Me chame pelo seu nome* (2018), na pele do jogador de tênis de mesa Marty Mauser, o ator não economiza alardear para a BBC: “Se você se der ao trabalho de assistir a este filme, não se decepcionará”. À frente do papel, ele destacou o

Atitudes extremadas alimentam dois filmes que chegam ao circuito: *Marty Supreme* e *A única saída*. Meticulosos, os competitivos personagens ganham a diferenciada atuação de Timothée Chalamet, concorrente ao Oscar, e de Lee Byung-hun

empenho por mais de seis anos de preparação, diante de mesas de ping-pong. Mas vale o alerta que o peso do esporte é relativo na telona. O frescor de verdadeiro ímã na tela brota de uma jornada comparável ao da protagonista de *Anora*: encharcado de vivacidade, o roteiro mostra, nos anos 50, um americano disposto a muito para popularizar o tênis de mesa, simultaneamente aos caprichos da autopromoção. Na tela, estão as qualidades do mesmo intérprete de *Querido menino* (2019), *Duna* (2021) e *Wonka* (2024). “Timothée é focado no trabalho e não perde tempo até que tudo esteja resolvido”, demarcou, para a revista *People*, o colega de elenco Kevin O’Leary, que assume no filme o papel de um



Como personagem emblemática, Gwyneth Paltrow faz a diferença na comédia

mecenas meio a contragosto. Curiosamente, foi Leonardo DiCaprio que alertou o colega para galgar o sucesso: “Nada de drogas pesadas e nada de filmes de super-heróis”. E, assim, com enraizada “postura muito bem preparada” (como dito por Kevin O’Leary), Chalamet segue o caminho rumo à excelência que ele detecta em Denzel Washington, Christian Bale e Joaquin Phoenix. Na trama de *Marty Supreme*, o protagonista se vende como “um produto final da derrota de Hitler”. Entre cerco de policiais, propinas, maracutaias e estratégias ousadas para se afirmar, *Marty Supreme* (o longa assinado por Josh Safdie) se apoia em dados da vida de Marty Reisman (vencedor de cinco

campeonatos de pingue-pongue). Dono de lábia esmagadora e capacitado a promover assédios dos mais diversos, o personagem mergulha num universo do cada um por si. Entre ressentimentos de coadjuvantes, atente para a subtrama parcialmente baseada na vida do competidor polonês Alojzy Ehrlich — no filme, abraçada pelo ator Géza Röhrig, na pele do húngaro Béla. É extremamente tensa a conversa entre o ressentido personagem Kevin O’Leary, Marty e Béla, alvo de controversos comentários antissemitistas. *Marty Supreme* ainda se vale da figura sensual da decadente atriz Kay (Gwyneth Paltrow), da interação com um idoso amalucado (Abel Ferrara) e de um inesquecível cachorro.

A única saída: baseado em livro de Donald E. Westlake



Mares Filmes/Divulgação

Crítica // A única saída ★★★★★

Um perigoso filme que entorpece, na mesma medida em que o diretor sul-coreano Park Chan-wook conseguiu, em 2002, com o longa *Oldboy*: assim é *A única saída*, que abduz o senso ético ao tematizar algo sério, dentro de uma dramaturgia rica em violência estilizada. Capitalismo e humanismo entram em mórbida rota de colisão nesta perturbadora adaptação de *O corte* (da literatura de Donald E. Westlake), antes trazida às telas como um drama assinado por Costa-Gavras. Man-su (Lee Byung-hun, em brilhante atuação, pela qual competiu

ao Globo de Ouro) se afunda ao personificar o trabalhador do segmento industrial do papel que é engolido pelo novo domínio do setor por americanos invasores de mercado externo. Demitido, ele cria um mirabolante e sórdido plano de ação individual. Com uma direção de fotografia estonteante de Kim Woo-hyung, *A única saída*, desde o Festival de Veneza (em que competiu), arrebolante, por onde passou, prêmios e a atenção vital da crítica especializada. Pouco a pouco, na ação de Man-su (que se vê responsável por Ri,

a esposa, e os filhos Si e Ri), o diretor ativa o pior do espectador que, inconscientemente, adere à vontade de ver o protagonista vitorioso. Parece cada vez mais plausível a maneira como o desesperado provedor se comporta ante a um círculo de oponentes (à futura e desejada vaga no mercado de trabalho). Não à toa, deixa o ambiente da Solar (nome da primeira empresa) rumo à sombria Moon (Lua). Marinheiro de primeira viagem, Man-su, na versão meticulosa e sem sentimentos, tangencia se ver mecanizado, à altura do futuro que o espera. (RD)